

SANTA JOANNA



Princesa de Portugal

A

RS

Santa Joanna de Portugal

UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE BIBLIOTECARIA E DOCUMENTAÇÃO

I. — Seu nascimento e infancia

A Bemaventurada Joanna de Portugal nasceu a 16 de Fevereiro de 1452.

Seu pae, D. Affonso V, desgostoso porque a rainha sua mulher não tinha filhos, voltou-se para Deus. Foi em peregrinação a uma Igreja, na diocese de Lamego, dedicada a S. Domingos, e muito frequentada pela sua fama. Deus ouviu a ardente oração do moço rei. Nove mezes mais tarde a rainha apresentava-o com uma filha, que recebeu no baptismo o nome de Joanna, em attenção á devoção que sua mãe tinha a S. João Baptista.

A tão desejada Infanta nasceu em Lisboa, nos paços da Alcaçova. Grandes festejos publicos tiveram logar n'essa occasião, e todo o reino partilhou da alegria do seu rei.

D. Affonso reuniu todos os seus vassallos na cidade de Lisboa, e fez reconhecer Joanna sua filha por herdeira legitima da corôa de Portugal e suas dependencias.

Tres annos depois, a Rainha dava á luz um filho que recebeu o nome de João, e que depois foi rei com o nome de João II.

A pequenina princeza tinha apenas quatro annos de idade quando teve a infelicidade de perder sua mãe, a 2 de Novembro de 1456. D. Affonso decidiu que todos os dignitarios da fallecida rainha deviam reter os seus cargos e receber os salarios costumados por consideração para com

sua muito amada filha. Mais tarde, escolheu para sua camareira-mór D. Beatriz de Menezes, uma senhora de alto nascimento e de solida virtude.

A secreta ambição de D. Beatriz era educar a joven Princeza com piedade, afim de a tornar o templo do Espirito Santo, a digna esposa do Rei dos reis.

Nada foi despresado para o desenvolvimento da precoce intelligencia d'esta creança e para a aquisição d'uma util sabedoria. Estudou seriamente varios idiomas e aos nove annos de idade sabia latim e outras linguas. Sua tia Filippa de Coimbra inculcou-lhe o gosto pelas lettras.

A Infanta crescia em virtude e em graças. Dizia o Officio de Nossa Senhora todos os dias e dedicava parte do tempo a leituras serias, particularmente á vida dos Santos e virgens martyres. Desde a sua mais tenra idade notava-se nas suas palavras e conversação um mysterioso poder que attrahia as almas a Deus.

Praticava os seus exercicios de piedade com muita devoção e prohibia que a interrompessem quando a elles se dedicava.

As esperanças dadas na sua infancia completaram-se na juventude. A sua prudencia e sabedoria diffundiam em roda d'ella uma alegria santa.

Assim se passou o tempo até que a Infanta D. Joanna chegou á idade de doze annos.

II. — Maravilhosa belleza da Infanta

Á proporção que a formosura e os singulares encantos de Joanna se desenvolviam, a fama da sua belleza espalhava-se pelas differentes côrtes da Europa e os mais ha-

beis artistas apressavam-se a vir a Portugal a fim de retratal-a.

D. Affonso V, viuvo, tendo apenas vinte e trez annos de idade, não quiz tornar a casar-se por dedicação por seus dois filhos. Sua filha era o objecto da particular ternura do Rei; tomou o logar de sua mãe a rainha Izabel e D. Affonso dedicava-lhe todo o tempo que tinha livre.

Os varios divertimentos da cõrte tinham logar nos seus aposentos e eram presididos com graça pela joven Princeza rodeada das suas damas.

Os grandes da cõrte partilhavam a estima e admiração geral na qual ella era tida e promptamente acompanhavam o Rei n'estas occasiões.

Mas era o Rei dos anjos cujo amor unico enchia e satisfazia o coração da Infanta. Dedicava-se pouco ás vaidades do mundo, procurando só o melhor meio de servir a Deus e de ganhar o céo.

Muitos principes eram pretendentes anciosos á sua mão. Luiz XI, Rei de França, pediu-a para seu filho Carlõs VIII. Affonso e os seus cortezãos ficaram lisongeados por este pedido e o Rei apressou-se a informar sua filha.

Grande foi a consternação da Infanta, cujo coração estava dado ao Rei dos Céos.

Comtudo, escondeu a sua perturbação e fallou com respeito e prudencia a seu pae, allegando os seus poucos annos, accrescentando que ella procederia para com elle com inteira submissão logo que fosse mais velha e a sua educação estivesse completa. Ajuntava que a delicada saude de seu irmão fazia com que ella não desejasse sahir do reino porque uma vez ausente, não podia assegurar a volta.

O Rei ficou surprehendido com o seu bom senso e, acreditando que tal era a vontade de Deus, resolveu não apressar o casamento da princeza por alguns annos mais.

III.—**Joanna no meio dos esplendores da côrte** SUA MORTIFICAÇÃO

A Infanta tinha entregado o seu coração a Jesus crucificado. Para provar a sua constancia, queria levar uma vida de penitencia. Mas n'um palacio real, como poderia ella conseguir essa renuncia ás grandezas da terra?

Fez conhecer o seu desejo a duas das suas damas d'honor e a um piedoso e moço camarista d'El-Rei, no segredo dos quaes ella podia confiar.

A seu pedido, touxeram-lhe um burel grosseiro e um duro cilicio.

Como outra Cecilia, Joanna começou a usar isto sob os seus fatos reaes. Aparecia menos vezes nos divertimentos da côrte, a menos que a sua posição a isso a obrigasse.

Era para evitar o desgosto de seu augusto pae que ella se não retirou por completo da côrte. D. Affonso, com quanto lhe agradasse a piedade de sua filha não tinha a mais simples idéa da sua entrada para o claustro.

A Infanta não apparecia em divertimento algum mundano a não ser quando o Rei com o principe seu irmão, e os grandes da côrte a visitavam; n'essa occasião recebia-os com affabilidade e encantava-os a todos com a sua graça real e a belleza da sua intelligencia.

Joanna estava então em toda a pujança da sua juventude e da sua belleza. Tinha grandes olhos azues, rosto

*Guardes de
me vram*

oval, nariz bem feito, bocca pequena, faces brancas e rosadas, graciosa e flexivel figura, porte digno e os mais graciosos movimentos.

Apresentava-se sempre de tal fórma que ninguem poderia suspeitar que debaixo dos seus trajes reaes trazia um rude cilicio.

IV. — Seu espirito de oração

Á noute quando terminavam os deveres a que a côrte a obrigava, Joanna dedicava muitas horas á oração.

Com especial instancia pedia a Deus a graça de ser religiosa; seu coração só procurava desapegar-se dos prazeres mundanos.

Costumava deitar-se na cama como para repousar, mas logo que as suas damas *d'honor* adormeciam, ella levantava-se e recolhia ao seu oratorio. Ali passava o resto da noute em vigilia e penitencia, e quando destinava algum tempo para dormir, era deitada no chão, tendo por almofada uma trave de madeira.

Comtudo, como a saude da Infanta era delicada, tinha de demorar um pouco a sêde de penitencia e de consentir em se deitar em uma dura cama.

Jejuava frequentes vezes a pão e agua, especialmente ás Sextas-feiras.

Profundamente commovida pela paixão do Nosso Divino Salvador, nunca ouvia um sermão sobre este assumpto sem derramar copiosas lagrimas.

Tinha-se acostumado a passar uma hora meditando na oração e agonia de Nosso Salvador no jardim das Oliveiras, e partilhando a Sua angustia, prostrava-se por terra pro-

nunciando com o coração cheio de tristeza e de abandono completo nas mãos de Deus, as mesmas palavras que o Salvador dirigira a seu Pae Celestial.

As afflicções de Maria, a Virgem Mãe, quando tiraram da Cruz o Corpo sem vida do seu Divino Filho e o collocaram sobre os seus joelhos, desfigurado e coberto de chagas, enchiam-na de uma profunda compaixão.

Desde Domingo de Ramos até Sabbado Santo, estava como que absorvida na contemplação dos Mysterios que a Igreja nos apresenta, e durante os tres ultimos dias da Semana Santa não tomava repouso algum, continuando ao contrario n'uma não interrompida oração.

Em Sexta-feira Santa, para imitar a humildade de Nosso Senhor, a Infanta mandava que lhe levassem secretamente doze mulheres pobres. Recebia-as na sua camara cobrindo a cara e trajando vestes simples para a não reconhecerem. Então, ajoelhando, lavava-lhes os pés, enxugava-os e beijava-os. Feito isto, a Infanta dava-lhes abundantes esmolas e eram mandadas embora sem suspeitarem quem fosse a sua bemfeitora.

Esta mesma devoção á sagrada Paixão a fez adoptar nas armas de sua casa uma corôa de espinhos que ella tinha gravada ou bordada em todos os objectos de seu uso.

Pessoas de confiança eram encarregadas por ella de distribuir largas esmolas ás casas religiosas, aos pobres nos hospitaes, ás viuvvas pobres desoladas, aos orphãos, e mais particularmente, áquelles que se envergonhavam de tornar publica a sua pobreza.

A Infanta acalmava discordias e pacificava zangas. Se os grandes da côrte estavam descontentes por qualquer

acção do Rei, D. Joanna acalmava prudentemente os espiritos exaltados.

Foi-se tornando, assim, amada e respeitada por todos desde os mais poderosos até aos mais humildes. O proprio Rei, admirado de sua prudencia e saber, não podia negar-lhe a sombra d'um desejo.



CAPELLA DO CONVENTO DE AVEIRO

V. — A sua juventude

Quando a Princeza tinha apenas dezeseis annos, D. Afonso foi constrangido pela côrte a pensar no casamento de sua filha. Isto contrariava muito a Princeza e grande foi a

perplexidade de Joanna até que encontrou amparo em D. Leonor de Menezes que, como ella, partilhava um desejo ardente de seguir a vida religiosa e que, em virtude de suas tendencias, tinha recusado casar-se com o Duque de Bragança.

D. Leonor levava uma vida muito retirada, ausentando-se da côrte e seus prazeres. A Princeza escreveu-lhe para lhe manifestar o ardente desejo de abraçar uma vida de penitencia n'um claustro. Pedia-lhe, ao mesmo tempo, para lhe fazer saber quaes eram os mosteiros do reino mais conhecidos pelo seu fervor religioso, afim de poder dar os passos necessarios para alcançar entrada em um d'elles.

D. Leonor, já bem informada sobre este assumpto, respondeu-lhe que não conhecia mosteiro algum em que Deus fosse mais fervorosamente amado e servido do que no das Irmãs de S. Domingos, em Aveiro, fundado havia poucos annos.

VI. — Aveiro

A fundação de Aveiro attribue-se aos veteranos da Legião Romana sob Marco Aurelio. Os pantanos de agua salgada deram logar a uma industria local. Os seus habitantes, além de marinheiros, distinguiam-se pelo seu empreendimento commercial, gosto e sciencia pela navegação. Como outras cidades, teve os seus periodos d'esplendor e de decadencia.

Entre as suas construcções nota-se, apenas a Igreja de S. Domingos e o celebre Convento Real de Jesus.

VII.—O Convento de Jesus

Durante o tempo que D. Pedro, irmão d'El-Rei D. Duarte, governou o reino de Portugal—isto é, durante a menoridade de D. Affonso V,—sua mulher, D. Izabel, tinha em seu palacio uma joven senhora de rara virtude, chamada Brites Leitão, que estimava como se fosse sua filha. Pelo mesmo tempo entrou para o serviço de D. Pedro um cavalleiro de nome Diogo de Athayde, moço de grande bravura, exemplar em conducta, de intelligencia cultivada, e tão dedicado aos estudos que lhes consagrava todos os momentos que dispunha.

Brites e Diogo aos olhos de D. Pedro, pareciam ter nascido um para o outro. O infante bem depressa os viu casados. Os desposados ficaram na côrte ao serviço do Regente e de sua esposa.

Um dia Diogo desapareceu.

Não houve meio de o encontrar entre os parentes e amigos. Foi grande a consternação porque Diogo era um bemquisto de toda a côrte.

Veio, por fim, a saber-se casualmente que elle se tinha refugiado para o Convento de S. Domingos, em Bemfica, onde cingia o habito dominicano. Mas tão feliz se sentia n'aquelle santo lugar, que foi impossivel convencel-o a sahir d'ali.

Seus parentes e amigos, vendo que eram inuteis todos os esforços, recorreram á intervenção de D. Pedro, que o obrigou a voltar á côrte, elegendo-o camareiro-mór da Infanta.

Passaram-se annos, e quatro creanças—dois filhos e duas filhas—nasceram para Brites e Diogo.

Depois do tragico fim de D. Pedro, D. Affonso V constrangeu Diogo a ficar ao seu serviço; mas o camareiro-mór, enfadado do mundo e dos seus artificios, desculpou-se, deseioso, dizia, de se dedicar elle proprio á educação de seus filhos, adoptando uma vida tranquilla e retirada com sua mulher que partilhava inteiramente dos seus desejos.

Compraram uma grande propriedade a algumas milhas de Aveiro e ali levaram uma vida ascetica, dividindo o tempo entre a oração, o jejum e o cuidado dos pobres, recebendo muitos d'estes ultimos em sua casa. Diogo cultivava elle proprio a terra, e D. Brites cuidava dos trabalhos domesticos.

No meio d'esta vida de perfeição, agradou a Deus chamar Diogo á sua presença. Morreu em 1453, e foi enterado no Convento de S. Francisco.

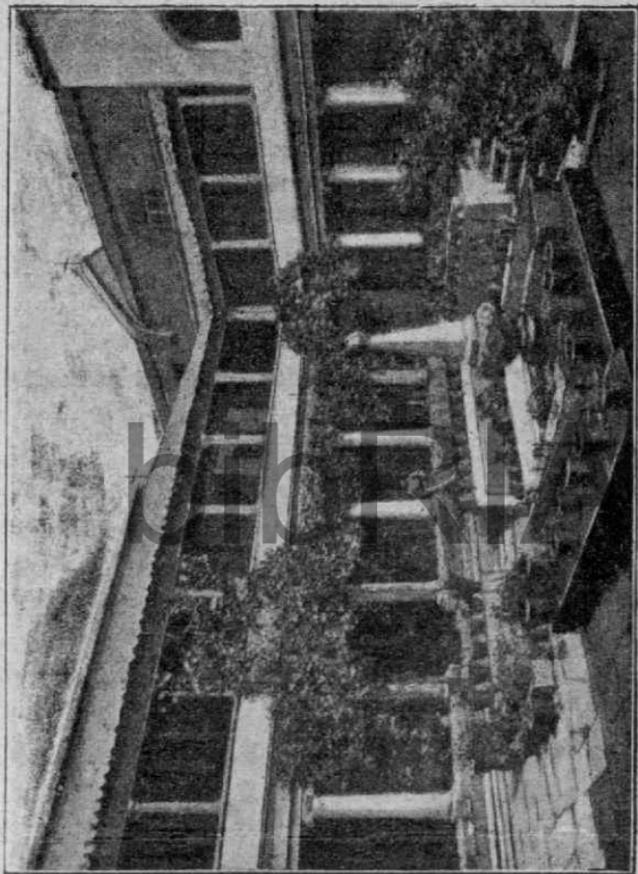
D. Brites ficou viuva com quatro crianças, tendo apenas trinta e sete annos de idade.

Pessoas amigas procuraram convencel-a para se tornar a casar — e até mesmo a Rainha Izabel usou da sua influencia n'esse sentido, — mas em vão.

D. Brites retirou-se para sua casa de campo, procurando seguir os gostos do santo marido e implorava ao bom Deus, em fervorosas orações, que a illuminasse ácerca do que ella devia fazer.

Durante a quaresma de 1457, tendo D. Brites ouvido o sermão de um eloquente e sabio Diminicano, Frei João de Guimarães, Prior do Convento de Aveiro, conhecido por Frei Angelico, pediu-lhe ella para elle ser seu guia. O Frade consentiu promptamente e aconselhou-a a vir residir para Aveiro.

Frei Angelico já tinha ouvido fallar das eminentes vir-



CLAUSTRO DO CONVENTO DE JESUS, AVEIRO

tudes da nobre D. Brites, mas ficou surprehendida da sua intelligencia e da perfeição que tinha attingido.

D. Brites pediu-lhe que escolhesse sitio apropriado para a construcção d'uma pequena casa para si e seus filhos.

Frei Angelico assim fez e escolheu o espaço de terreno onde o Convento de Jesus devia em breve apparecer, separado do Priorado Dominicano por uma rua estreita.

Para esta modesta morada veio Brites com seus filhos e um velho criado, a 24 de Novembro de 1458. Aqui agradeu á Divina Providencia fazer florescer muitas flôres para o céo.

A pequena habitação começou a ser considerada como um verdadeiro convento, tão bem acondicionada estava ella para pessoas que desejavam seguir uma vida de pobreza e santidade.

Tal foi a origem, humilde na verdade, do celebre Mosteiro de Jesus, no qual a fundadora D. Brites recebeu mais tarde o habito Dominicano.

A reputação da austera vida que ali se seguia decidiu a santa Infanta. Para ali quiz entrar, e tendo recusado tres corôas reaes só pretendia viver e morrer n'este santo retiro.

A Bemaventurada Joanna ficou arrebatada pelo que ouviu de D. Leonor e suspirava por segui-la para o Convento. As filhas dos reis não gosam n'este ponto da mesma liberdade que as pessoas de mais baxa condição. Comtudo, D. Joanna desmanchou a sua casa e despediu as suas damas depois de as ter generosamente recompensado, mas tinha ainda de obter o consentimento d'El-rei seu pae. D. Afonso ficou profundamente desgostoso, o principe seu filho e os cortezãos oppozeram-se, mas foi finalmente decidido

que a Infanta se deveria contentar em servir a Deus no mundo, e que toda a liberdade para o fazer lhe seria dada.

Ella cedeu por algum tempo enquanto redobrava as suas orações, rogando a Deus para olhar misericordiosamente para o desejo do seu coração.

O soccorro e consolação estavam mais proximos do que ella esperava.

VIII. — Portugal no reinado de D. Affonso V

N'este periodo da sua historia, Portugal estava na posse d'extensas colonias, e livre de dominio estrangeiro; era portanto um periodo de gloria. Em 1415, D. João I tinha feito importantes conquistas, e em 1433 succedeu-lhe seu filho D. Duarte, cujo reinado prometteu tanto, ainda que de bem curta duração.

D. Affonso V foi o primeiro a dar aos seus filhos o titulo de Principes — até então eram chamados Infantes e Infantas.

Pouco depois de ter recusado licença á Princeza D. Joanna para entrar para o Convento, El-rei D. Affonso, acompanhado por seu filho, partiu para uma expedição contra os mouros, e depois do cerco de Arzilla a renuncia de Tanger e outras victorias, voltou para Portugal cuja regencia tinha deixado entregue a sua filha.

D. Joanna tinha tudo disposto para assegurar uma brilhante recepção ao Rei e aos seus victoriosos guerreiros, e durante dois mezes fizeram-se os mais luzidos festejos.

Tirando partido da occasião que lhe parecia tão favoravel e opportuna, D. Joanna de novo impetrou de seu pae licença para entrar para um mosteiro. A despeito do

grande desgosto que tal pedido lhe causava, D. Affonso teria cedido, se não fosse a opposição firme do Principe D. João e dos principaes da côrte.

Joanna teve pois que se submeter, e por alguns mezes não se tornou a fallar em tal assumpto.

IX. — **Obediencia e perseverança**

Depois de um praso razoavel de espera, Joanna sentindo que tinha realmente vencido a opposição de seu pae, lembrou-lhe a promessa que elle lhe tinha feito. Elle allegou a delicadeza da sua saude e a sua proximidade á corôa. Ella porém respondeu tão prudentemente ao Rei, que este se viu obrigado a confirmar a authorisação, a cuja execução a côrte se tinha até então opposto.

X. **D. Leonor**

A 6 de Dezembro de 1471, tinha D. Leonor de Menezes recebido o habito religioso no Convento d'Aveiro. Não se tinha esquecido da promessa feita á Princeza de a informar da vida que ali se passava, e tudo quanto lhe ia dizendo mais fortalecia Joanna no seu proposito.

Em Março de 1472, observou-se um extraordinario phenomeno. Por um tempo nublado e escuro, viu-se uma estrella ou cometa sobre a parte do Convento em que devia ser a cella da real postulante. Esta especie de meteoro apparecia repentinamente todas as tardes depois do pôr do sol e desapparecia ao alvorecer. Causou isto grande temor, especialmente entre as religiosas. Logo que a Princeza entrou, a estrella ou cometa não tornou a ser vista.

XI. — **Obstaculos**

O Convento de Jesus em Aveiro tinha sido, como vimos, recentemente fundado, e era notado pela sua pobreza e austeridade.

Joanna hesitava por isso em fazer a sua escolha.

Para melhor levar a effeito o seu proposito, retirou-se primeiro para um Convento de Bernardas em Odivellas.

No dia seguinte, quando a nova da sua partida se espalhou, uma nuvem de tristeza parecia ter cahido sobre a côrte. O Principe D. João e muitos dos cortezãos deitaram luto.

Dois mezes ficou D. Joanna em Odivellas, mas durante este tempo foi ali tão importunada por sua tia, Filippa de Coimbra e por todos os grandes da côrte para lhe mudarem a inclinação, que a Infanta anciava um retiro mais tranquillo.

O Rei, sabendo isto, designou-lhe o mosteiro de Santa Clara de Coimbra, onde repousavam e eram venerados os restos de Santa Izabel de Portugal.

XII. — **Aveiro**

Comquanto tivesse condescendido com o desejo do Rei, Joanna, na sua viagem para Coimbra, chamou em particular El-rei seu pae, e advogou com tal força sua preferencia por Aveiro, que elle deu-lhe o seu consentimento. D. Joanna tinha ainda de vencer a opposição de D. Filippa e do Principe D. João, que a ameaçaram de a obrigar pela força.

Por fim, na vespera da festa de S. Domingos, a 3 de Agosto de 1472, despediu-se de seu augusto pae, cuja benção pediu, assim como a de sua tia e de seu irmão, e entrou no Convento cheia de alegria.

O Rei dotou-o em seguida, confiando-lhe todos os rendimentos da cidade d'Aveiro em consideração por sua filha.

D. Filippa fez ali a sua residencia com o fim de estar perto de sua sobrinha. Ouvia geralmente Missa na Capella do Convento, e estava tanto tempo quanto podia com a Princeza.

XIII. — D. Joanna em Aveiro

Obrigada pelas varias difficuldades da sua gerarchia, Joanna não abandonou logo os trajes seculares, mas a sua vida tornou-se cada vez mais santa e austera. Ella ia muitas vezes para o côro tomando logar nas ultimas cadeiras como as outras noviças.

Um dia seu irmão foi visital-a, e renovou as suas supplicas para ella desistir do seu proposito de receber o habito religioso, ameaçando-a mesmo de a ir d'ali tirar se ella persistisse n'essa ideia.

Joanna procurou pacifical-o e no entretanto rezou e pediu a protecção Divina.

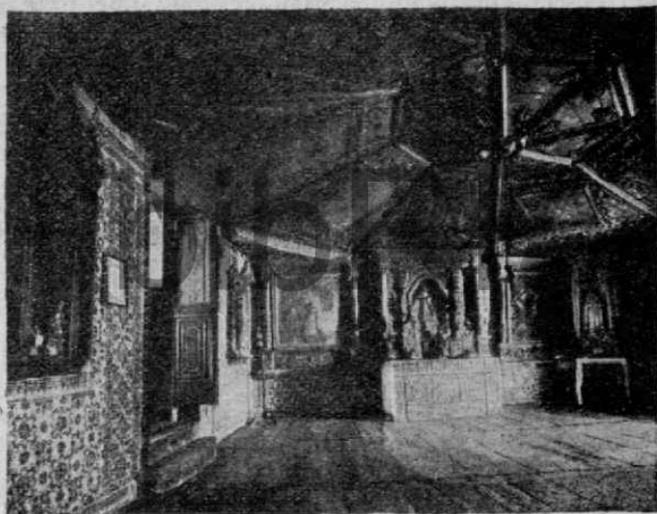
Como o mosteiro era pobre, D. Joanna temendo que a sua estada ali incommodasse as religiosas, tinha comprado uma porção de terreno onde estavam algumas casas velhas que mandou unir ao Convento.

A Prioriza Brites tinha-as já arranjasdas; ali se installou D. Joanna até que chegasse o tempo em que podesse com segurança receber o habito religioso.

Conservou por tres annos os trajés seculares, cedendo á opposição persistente do reino que a não deixava adoptar definitivamente a vida conventual.

Comtudo, a Infanta seguia os exercicios da Communidade, assistia aos officios de dia e de noite, e praticava todas as austeridades da regra tanto quanto a sua saúde o permittia.

Ao fim de tres annos pediu á Prioriza para lhe dar o habito.



ANTE-CAMARA DO CORO NO CONVENTO DE AVEIRO

XIV. — D. Joanna recebe o habito religioso

Joanna recebeu o habito a 25 de Janeiro, 1475, festa da conversão de S. Paulo. A noite antecedente foi passada em oração dando graças a Deus.

A cerimonia teve logar na sala do Capitulo e tão com-

pletamente quiz a augusta noviça despojar-se de tudo quanto fosse rico, que tirou do pescoço um relicario de ouro que trazia habitualmente e do dedo um anel de esmeraldas, resolvida a d'ahi por diante não usar mais nem ouro nem prata.

XV. — **Opposição do reino**

Quando o facto da sua tomada d'habito foi conhecido, grande descontentamento lavrou em todo Portugal, desde a côrte até ao mais baixo povo.

Varias cidades do Reino mandaram commissões a Aveiro, protestando que se a Princeza professasse o acto seria considerado nullo, porque ella era a herdeira legal do throno no caso da morte de El-Rei ou do infante D. João. Incitaram o Rei a promover pela força a sua sahida do Convento.

O Principe D. João foi mais além, e affiançou que forcaria as portas do mosteiro e lhe arrancaria o habito.

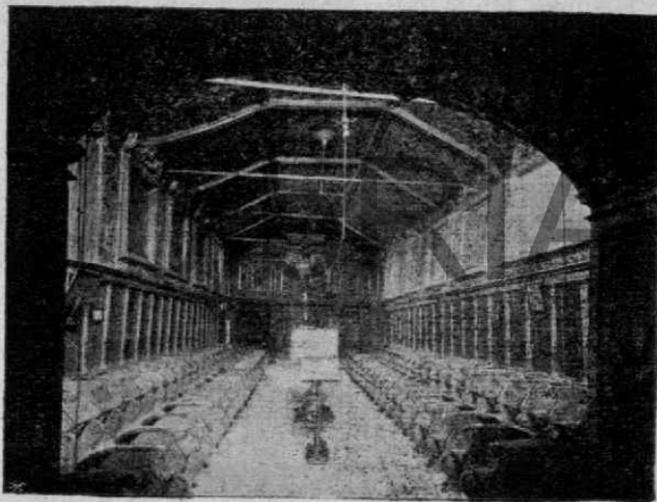
XVI. — **Outra perseguição**

Isto não era uma vã e apparente ameaça da parte do Principe. Elle partiu para Aveiro onde foi encontrar-se com o Bispo d'Evora. Ambos procuraram vêr a Princeza e lhe pediram com instancia para ella se despojar do habito religioso.

Com tudo, quando o Principe viu sua irmã com o traje de noviça, véo branco, as mãos modestamente crusadas debaixo do escapulario, a sua attitude tão simples e tão humilde, ficou visivelmente commovido, e pareceu vacillar. Então, reprimindo depressa os seus sentimentos, elle lhe ro-

gou que tivesse em consideração os interesses da nação e o profundo desgosto de seu pae.

O Bispo d'Evora juntou os seus rogos aos do Principe e mostrou-lhe as sérias consequências que poderiam sobrevir para o reino no caso da morte do Rei ou do seu herdeiro legitimo; engrandeceu o immenso beneficio religioso que derivaria do governo de uma tão virtuosa Princeza, e esgotou, emfim, todos os recursos da sua imaginação em esforços para a persuadir.



O CORO EM AVEIRO

XVII.— **Animo firme de D. Joanna**

D. Joanna responde-lhe muito respeitosa, mas ao mesmo tempo dando-lhe a comprehender que a sua linguagem não era a que ella podia esperar de um Bispo, cujo mistér seria promover a honra de Deus antes de tudo.

Que, quanto a ella tinha dado grande consideração ao assumpto e que tendo longamente rezado para que o céo a guiasse, levaria ao fim a sua resolução. Julgava-se de maior utilidade para o reino dentro do Convento, do que sentada no throno.

Esta firme e ao mesmo tempo extremamente religiosa attitude impressionou profundamente o Bispo, que ficou movido de admiração pela Princeza e envergonhado da sua acquiescencia na opposição do Principe D. João.

A Historia relata que este ultimo estava tão aborrecido e contrariado com a constancia de sua irmã no seu proposito, que lhe fallou com muita violencia ameaçando-a de lhe arrancar o habito por suas proprias mãos.

XVIII. — A Bemaventurada Joanna como noviça

Quando Joanna se encontrou de novo só, deu do coração graças a Deus que a tinha amparado atravez de uma tão cruel prova, e comprometteu-se a servir-O fielmente até á morte no estado de vida que ella tinha abraçado.

Depois continuou o seu noviciado com fervor notando-se particularmente tres das suas praticas ou exercicios.

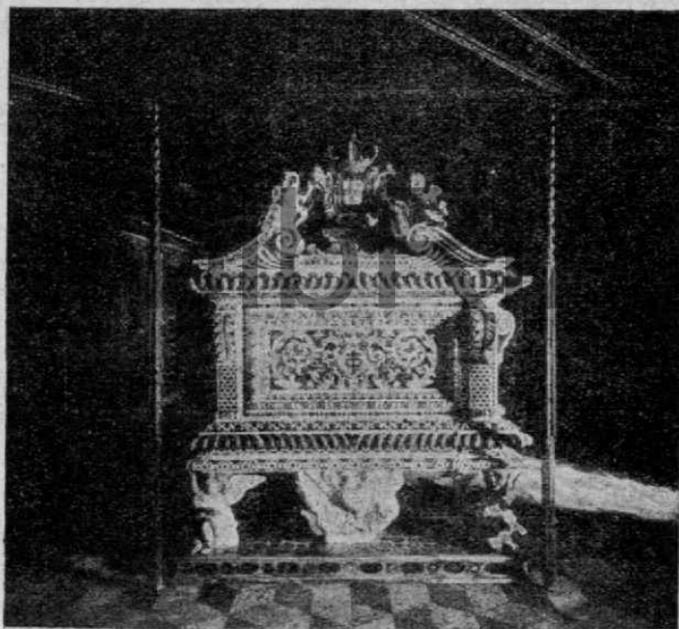
A primeira era um constante esforço para alcançar a perfeição. Para a auxiliar n'este empenho trazia sempre comsigo um pequeno livro no qual notava os seus pensamentos, palavras e acções, para dar conta d'ellas ao guia da sua alma.

A segunda pratica consistia na maior fidelidade aos exercicios da vida interior, taes como: silencio, oração, exame de consciencia e frequencia dos sacramentos.

A terceira era o continuo esforço de progredir na virtude de nunca recusar cousa alguma a Deus.

Não havia outra freira no mosteiro mais simples nas suas maneiras e mais intensamente devotada ao desempenho do seu dever.

A despeito de insinuações contrarias, a infanta noviça tomava sempre o seu lugar de accordo com a data da sua recepção, como as outras Irmãs.



TUMULO DE SANTA JOANNA EM AVEIRO

O seu traje era em tudo igual ao das mais, modesto e pobre, a mesma humildade se notava na sua comida.

Varría o sobrado, carregava lenha, lavava roupa,

e servia as Irmãs enfermas com a mais humilde dedicação.

Por deferencia para com o seu augusto nascimento as freiras vacillavam algumas vezes em se deixar servir por ella ; mas quando se convenceram de que com isso só a affligiam acabaram por ceder graciosamente.

Para agradar ao Rei, a communitade ordenou-lhe que retivesse o titulo de Infanta nos officios do Convento. Era, portanto, chamada Irmã Joanna, Infanta.

Isto affligia-a muito e muitas vezes pediu para a livrassem d'este tratamento, mas inutilmente.

A Princeza depois de receber o habito limitou o seu convivio a pessoas religiosas e não recebia os grandes do reino.

XIX. — sua felicidade no claustro

Em recompensa da sua humildade aprazia a Deus conceder-lhe alegrias muito sensiveis. Na oração, na confissão e na Sagrada Communhão, para as quaes se preparava com extremo cuidado, commovia-se muitas vezes até ás lagrimas.

Soror Joanna aprendeu como as outras freiras, a fiar e applicava-se aos trabalhos de agulha ; a sua habilidade no tecer fez com que escolhessem o linho feito por ella para o uso dos altares.

Se acontecia a alguma das religiosas soffrer de tentações ou provas interiores, ella diligenciava confortal-a com extraordinario successo.

As suas palavras juntava orações, lagrimas e mortificações ; e o seu auxilio reconhecia-se muitas vezes de uma

maneira assombrosa, como foi mais tarde affirmado com juramento por varias das Irmãs.

A sua caridade alcançava até os necessitados de fóra do mosteiro. D. Joanna desejava ser informada cuidadosamente do progresso da religião em Aveiro. Sabendo que alguns Mouros tinham sido trazidos d'Africa depois da tomada de Arzilla, procurou catechistas para os instruir nas verdades da religião.

Graças aos seus cuidados os infieis converteram-se, e a Infanta obteve a sua liberdade, deu-lhes os meios precisos para se casarem e assim os estabelecia n'um honesto meio de vida.

A piedosa Princeza assim continuou o seu tempo de noviciado suspirando pelo dia da sua profissão.

XX. — Uteriores tentativas

E agora céos e terra pareciam ligados para a privar d'esta felicidade e para transtornar todas as esperanças.

As provincias e cidades de Portugal delegaram os mais importantes dos seus habitantes para se dirigirem a Aveiro e para declararem por ameaças e juramentos que á Infanta não era concedida licença para fazer os votos.

Ao mesmo tempo uma grave doença a obrigou a guardar o leito.

Os medicos foram de opinião que a sua saude estava compromettida pelo seu modo austero de viver, e affirmavam se assim persistisse, o desastre seria fatal.

O resultado d'esta consulta chegou depressa ao conhecimento do Rei, que ordenou que o habito religioso fosse

tirado a sua filha para assim a impedir de professar. Impossível é descrever a angustia da Princeza ao receber esta noticia. Antes de se submeter quiz consultar o Padre Antonio de Santa Maria, Vigario Geral de todos os Conventos das provincias de Portugal.



TUMULO DE SANTA JOANNA EM AVEIRO

A resposta que recebeu foi que era manifesto que a vontade de Deus era que ella não perseverasse n'aquelle modo de vida.

Submettendo-se sempre aos sabios designios da Providencia cedeu por necessidade, declarando que, mesmo se-

parada do habito Dominicano, conservaria sempre por elle e pelo espirito Dominicano o mesmo amor, — que o havia de receber de novo n'aquelle mesmo Convento, e ali morreria filha de S. Domingos.

Depois d'isto, assignou uma declaração publica com o fim de renunciar ao proposito de fazer votos solemnes.

Depois, tirando o habito, dobrou-o com cuidado e pô-lo sobre o altar derramando tão copiosas lagrimas que todos os que estavam presentes se sentiam egualmente commovidos.

A santa Princeza usou por algum tempo vestidos seculares como um signal da renuncia a que tinha sido forçada; depois, tornou a pôr o habito Dominicano e d'esta vez na presença de muitas religiosas declarou que não mais o deixaria.

Prometteu igualmente observar as regras, excepto a da abstinencia, em consequencia da prohibição medica, e de novo proseguiu a vida de uma fervorosa noviça.

O Rei e o Principe D. João, satisfeitos com o que tinham obtido, deixaram-na em paz no mosteiro até ao anno 1479.

XXI. — A peste em Portugal

Em 1479 uma terrivel peste desvastou o reino, e a cidade de Aveiro soffreu grandemente. O Rei e seu filho quizeram, portanto, que a Princeza fosse para qualquer outro ponto do reino menos exposto ao flagello.

Constrangida a obedecer á sua ordem, D. Joanna, acompanhada da Prioriza (D. Brites) e cinco outras pessoas, tristemente deixaram o seu muito querido retiro. Foi

para ella como que um exilio, e soffreu muito até que recebeu do Rei permissão para ir residir para outro Convento. Para augmentar a sua desolção Deus chamou a Si a Santa Prioreza em Aviz, e foi enterrada em Abrantes com uma outra Irmã, cuja morte teve logar pelo mesmo tempo. Depois de onze mezes de ausencia poude a Princeza voltar para Aveiro.

XXII.— **Morte do Rei**

Diz-se que um desgosto nunca vem só e assim succedeu á Bemaventurada Joanna que teve a infelicidade de perder seu pae em 1481.

A sua morte foi para ella um terrivel golpe. El-Rei seu pae estremeceia-a muito e tinha-a protegido no meio da tempestade que em volta d'ella se tinha levantado.

D. Affonso teve uma morte christã. Recebeu as ultimas ceremonias da Egreja com perfeita consciencia, e abençoou seu filho e dois netos. Morreu no palacio de Coimbra a 28 d'Agosto, festa de Santo Agostinho, e exhalou o ultimo suspiro no mesmo quarto em que havia nascido. Ficou sepultado no mosteiro da Batalha.

D. João, seu filho e successor, proseguiu no projecto iniciado no reinado de seu pae, de unir as corôas de Castella e Portugal pela alliança entre seu filho D. Affonso e a Infanta de Castella. O casamento tinha realmente sido celebrado, quando, no meio dos regosijos e festividades que se seguiram, o joven principe deu uma queda fatal do seu cavallo em Santarem.

O corpo do principe D. Affonso foi levado para a cabana de um pobre pescador, e um feixe de palha foi o fu-

nebre leito do filho do Rei. O Principe não tinha ainda 20 annos. O golpe foi terrivel para D. João que n'este filho perdeu a sua unica consolação e o alvo das suas ambições. Com elle foram enterradas todas as alegrias e esperanças de D. João II.

XXIII.— **A princeza em Aveiro**

Grande como foi o seu desgosto, D. Joanna não se quiz deixar vencer por elle. Ella mandou offerecer orações por seu querido pae, e muitas Missas foram celebradas para o



RELIQUIAS DE SANTA JOANNA EM AVEIRO

repouso de sua alma e tambem por seu joven sobrinho D. Affonso.

O character de D. João II tão differente do de seu pae não a poupou a muitos receios.

E agora, um facto singular tinha a notar-se na accidentada vida da Princeza. A continuação das suas aspirações religiosas tinha-se tornado verdadeiramente difficil, se não de todo impossivel por causa da sua successão ao throno.

A morte tão permatura do Infante que teria succedido naturalmente a seu pae D. João, renovou as difficuldades. Aconteceu comtudo que D. João tinha levado ao leito mortuario de seu pae um filho natural. O reconhecimento d'esta pequenina creança pelo Rei moribundo e a benção que elle lhe deu tornou-se uma especie de legitimação e assim foi considerado como um principe real. Havia comtudo perturbações e conflictos a temer por sua causa se elle fosse creado na côrte. D. João por isso pediu a sua irmã para tomar conta d'elle promettendo obter-lhe a confirmação do Papa.

Vendo n'elle um herdeiro presumptivo da corôa, e, portanto olhando-o como uma segurança para si propria, a Princeza não ponde recusar. Tinha, fóra, alguns aposentos preparados para a creança e sua ama para evitar disturbios na communiidade.

Este acontecimento não alterou em nada a sua maneira habitual de viver. A observancia das regras de sua casa era a mais exacta possivel, as suas virtudes favoritas, obediencia, pobreza, humildade e completa submissão aos superiores não foram por um momento desprezadas.

Considerando o pequeno D. Jorge como successor á corôa, D. Joanna contava agora levar a effeito um desejo ha tanto tempo concebido.

Na festa de Santa Catharina de Senna, depois da Missa Conventual, durante a qual ella recebeu a Sagrada Communhão, D. Joanna foi para o côro, e depois de ter dito as orações do costume, prostrou-se diante do altar e fez

um voto solemne de castidade perpetua. Depois levantou-se debulhada em lagrimas.

Presentia que não lhe seria permittido gosar por muito tempo do repouso e suave paz do seu bem querido claustro.

XXIV. — **Novos pedidos de casamento**

A perseguição estava recomeçada. Maximiliano, Rei dos Romanos, filho do Imperador Frederico e de D. Leonor, irmã de D. Affonso, pediu-a em casamento. Quasi ao mesmo tempo, Carlos VIII de França repetia o pedido feito por seu pae, Luiz XI alguns annos antes.

D. João ficou lisongeadado com estas propostas, especialmente com a do Rei de França e escreveu a sua irmã indicando-lhe o que elle considerava o seu dever para o reino.

D. Joanna teve que sustentar uma forte lucta; seu irmão apressou-se em enviar-lhe o sequito, mas ella recusou-o com a sua usual prudencia e gentileza. Isto não agradou ao Rei—especialmente quando ella declarou que apesar da sua debil saude a ter impedido de professar, nada havia que a impedisse de servir Deus n'aquelle pobre mosteiro que ella não quereria trocar por nenhum reino da terra.

Esta resposta exasperou D. João II, que lhe escreveu em termos violentos, lembrando-lhe que a obediencia era divida ao Rei e que a sua recusa estabeleceria inevitavelmente uma guerra entre a França e Portugal que a obrigaría a deixar o mosteiro e no entretanto elle prohibia toda a comunicação entre ella e as freiras.

D. Joanna assustada e perplexa, comprehendendo bem as implacaveis disposições de seu irmão, tomou a regia carta nas mãos, foi para o oratorio, e, com suspiros e ge-

midos, encarecidamente implorou a protecção divina, pedindo ao seu Divino Esposo para a ajudar a ser fiel á promessa que fizera, e para a dirigir na resposta que tinha a dar.

Os mensageiros do Rei estavam esperando impacientemente a resposta quando a Princeza sahiu corajosamente do oratorio, e cheia de energia e confiança encarregou os enviados de dizer ao Rei que ella estava prompta a obedecer-lhe e a casar com o Rei de França Carlos VIII, se acontecesse que, n'aquelle mesmo momento em que ella dava tal consentimento, elle estivesse vivo; mas, se succedesse Carlos ter morrido, que D. Joanna implorava ao Rei o respeito da sua liberdade e a não insistencia em pedidos de casamento.

A piedosa e firme confiança da Princeza deixa crêr que ella tivesse alguma celestial revelação sobre o assumpto, porque depressa se soube que o Rei de França tinha morrido repentinamente alguns dias antes da Princeza dar o seu consentimento.

Podemos facilmente comprehender que enorme seria a sua alegria, ao ver-se assim libertada. Mas, infelizmente, havia ainda outro combate a sustentar.

D'esta vez era o Rei de Inglaterra que, tirando partido do seu parentesco com a casa real de Portugal e tendo ouvido fallar tanto dos meritos da Prinnceza, a pedia em casamento, mostrando por este meio o seu desejo de renovar a paz e amizade com o reino.

Nada parecia mais para desejar a D. João do que isto, e a sua opinião era partilhada pelos nobres. Foi portanto decidido que o Rei partisse immediatamente para Alcobaca, enquanto a Princeza deveria ser ahi conduzida e obrigada a submeter-se á sua vontade.

Em consequencia d'isso um enviado foi mandado ao Porto, onde D. Joanna residia então, tendo sido forçada pelo Rei a sahir de Aveiro, onde a peste tinha reaparecido, e a informou de que D. João II desejava tratar com ella assumpto de importância, concernente ao paiz.

XXV. — **Artificios do Rei**

Tão longe estava Joanna de suppôr outra importunação a respeito de casamento, que partiu promptamente e com gosto acompanhada por duas das mais veneraveis freiras do mosteiro, tendo o Papa concedido, previamente, licença para isto.

Póde imaginar-se a sua afflicção quando cara a cara lhe foi feita esta nova proposta de casamento.

Pediu ao Rei para lhe conceder alguns dias para reflectir antes de dar o seu consentimento.

Quando se achou só, apressou-se em escrever para o Convento de Aveiro supplicando ás religiosas para a ajudarem pelos seus forvorosos rogos e orações, accrescentando que nunca tinha necessitado tanto do auxilio e conforto divino.

XXVI. — **Constancia de Joanna**

Seu irmão e sua tia não lhe concederam longa espera. Vendo-se a Princeza tão atormentada, tomou coragem e terminantemente declarou que desde que a morte do Rei de França a deixou livre, não podia ser justificadamente forçada a contrahir outro casamento, e que nunca atraiçoaria a fidelidade que tinha jurado a Jesus Christo, seu

Divino Esposo, ainda mesmo que a sua vida ou milhares de vidas que tivesse fossem sacrificadas.

A esta resposta, o Rei offendeu-se profundamente. Fallou-lhe com a maior rudeza, dizendo que as suas ordens tinham de ser cumpridas, e que D. Joanna devia ser conduzida aos Embaixadores inglezes. Além d'isto, ordenou que as duas veneraveis freiras que a tinham acompanhado se retirassem immediatamente e não tivessem mais comunicação alguma com a Princeza, que deveria ficar nos aposentos com sua tia.

Privada de todo o soccorro humano, n'uma grande angustia, a piedosa Princeza não perdeu coragem, redobrou as orações, disciplinas e outras penitencias, e docemente fez as suas queixas ao seu Salvador. «Vós vêdes, Senhor, que todos estão armados contra mim: o Rei, seus vassallos, meus parentes e amigos. Eu estou até privada das minhas fieis companheiras. Mas Vós, meu Jesus, sinto-Vos sempre commigo. Que posso eu temer? Vinde, pois, em meu auxilio, e libertae-me, que só Vós o podeis fazer.»

As orações e lagrimas de D. Joanna commoveram o coração do seu Divino Esposo. Cahiú n'uma doce somnolencia, durante a qual ella viu um encantador adolescente que, sorrindo, lhe disse: — «Não temas, e não estejas tão cheia de amargura. A causa de tanto temor e afflicção já não existe, e, portanto, nada impedirá o cumprimento dos teus piedosos desejos.»

Estas palavras produziram o mais feliz resultado na alma da Princeza. Sahiu immediatamente da sua melancolia, convencendo-se que aquella mensagem vinha do céo.

Quando o Rei se approximou com aspecto severo e ameaçador, ella disse-lhe gentilmente que o esposo que lhe

tinham escolhido já não existia, e que a mesma sorte estava reservada a todos aquelles que lhe fossem propostos. D. João ficou em duvida da verdade d'esta declaração, mas noticias de Inglaterra, chegaram bem depressa a Lisboa annunciando a morte do Rei. Depois d'isto cessaram de atormentar a Princeza.

XXVII. — **D. Joanna volta para Aveiro**

D. João partiu para Lisboa, vendo os seus planos mais uma vez frustrados. A Princeza voltou para Aveiro ansiosa de entrar de novo no Convento.

Os habitantes da cidade e visinhanças muitas vezes queriam a D. Joanna para que a Princeza os allviasse dos seus pesados tributos e eram sempre por ella consolados e protegidos.

Depois da ultima prova, a sua natural humildade e affabilidade religiosa brilharam de uma fórma particular. Fallava do Divino Amante das almas com tanta unção e amor que as religiosas encontravam attractivo, edificação e proveito no seu trato.

A sua intelligencia parecia gosar já da luz celestial que estava perto de vir a ser o seu dote.

XXVIII. — **Causa da sua morte**

A carreira de Joanna sobre a terra estava proxima do seu fim e as circumstancias da sua morte dão-lhe o caracter do martyrio. Foram breves, como se verá do que segue.

Durante os primeiros annos da sua residencia em Aveiro

a augusta Princeza teve conhecimento do grave escandalo causado pela vida desordenada de uma senhora nobre d'ali.

A Infanta diligenciou tiral-a da sua má vida com palavras de persuasão ; mas tendõ sido inuteis os seus repetidos esforços recorreu á sua authoridade real para expulsar da cidade a desgraçada mulher.

Este acto excitou na peccadora um tal espirito de odio que resolveu resignar-se apparentemente para dar largas depois a um ignobil sentimento de vingança.

Achou occasião opportuna para o fazer quando a Princeza vinha de volta para Aveiro depois de cessar a peste. Como o logar que a miseravel mulher habitava ficava no caminho que a Princeza devia seguir, lembrou-se aquelle espirito peccador de envenenar a sua victima.

Soffrendo do calor e de sêde excessiva, D. Joanna quando atravessou a povoação mandou um creado pedir uma sêde d'agua á primeira casa habitada. Quiz a má ventura que fosse justamente aquella a casa da peccadora ; a misera mulher não deixou de tirar partido da sua sorte. Logo que a Princeza bebeu a agua, manifestaram-se todos os symptomas d'um envenenamento. D'ahi por diante, a sua saude ficou arruinada, e o seu estado febril e soffredor deu motivo aos mais tristes presentimentos.

Cinco mezes antes de morrer, a Princeza alliviada dos seus crueis soffrimentos, parecia reviver e disse estas palavras a uma freira de conhecida virtude : «Irmã Clara, olhae sempre pelo logar do meu repouso ;» — dando-lhe assim a entender que morreria no Convento, e que a morte não estava longe.

Alguns membros da communidade, entre outros a Priora, tiveram prognosticos da sua proxima partida. Assim

já as Irmãs se iam preparando para receber com grande resignação e serenidade a perda d'aquella que lhes era tão querida.

XXIX. — **Ultima doença e morte**

Nos fins do anno 1489 o seu estado tornou-se muito perigoso. Com tudo a Princeza quiz assistir ao capitulo



RELICARIO CONTENDO O CABELLO DE SANTA JOANNA EM AVEIRO

solemne do Natal e á Missa da meia noute na qual a energia do seu canto causou admiração. Approximou-se da Sagrada Communhão com as outras Irmãs e passou a festa

nas mais santas disposições. Foi a ultima vez que appareceu na Missa da communidade. Os seus soffrimentos augmentaram consideravelmente e a sciencia foi imponente para a soccorrer.

Longe de murmurar D. Joanna dava graças a Deus, rezava com paciencia e offerecia toda o seu soffrimento em desconto das suas faltas.

As Irmãs velavam-na com carinho, a Prioriza mandou offerecer Missas por sua intenção.

Entre jejuns, mortificações e ceremonias prociissionaes no Convento se foram passando os mezes de Janeiro e Fevereiro de 1490.

A Princeza experimentava horriveis soffrimentos, mas, como o santo homem Job, seus olhos estavam voltados para o céo, e sua lingua só dizia louvores a Deus. Repetia com tal intensidade as palavras: «Possa o nome de Deus ser abençoado» que fazia chorar os que se achavam em volta d'ella.

Muitos medicamentos lhe foram prescriptos pelos medicos; a Princeza submettia-se a todos com admiravel paciencia, ainda que a medicina só contribuisse para augmentar o seu martyrio. O unico allivio da Princeza era a agua, mas estava prohibida de a beber. A sua sêde lembrava-lhe a do Salvador na Cruz. Era tal o estado de seccura da sua bocca que n'ella se formaram chagas que lhe causavam dôres intensas.

XXX. — **Desgosto geral**

A prolongada doença, declarada mortal pelos medicos, causou geral desgosto em todo Portugal, onde a Princeza

era tida em veneração por causa da sua grande virtude e bondade.

Muitas preces foram feitas para alcançar o seu restabelecimento. Organisaram-se procissões, e muitas pessoas notaveis pediram para a visitar. Primeiro de todos o Rei e sua tia D. Filippa que com alguns dos grandes da côrte tinha licença especial para entrar no Convento. Apresentaram-se tantas d'estas pessoas distinctas, que a cella occupada pela Princeza não era grande bastante, e ella pediu para ser levada para outra perto do côro que era mais espaçosa.

Chegou a Semana Santa, e em Quinta-feira de Endoenças não se aventurando a pedir por causa do seu debil estado para ser levada ao côro para a sagrada Communhão, pediu lhe deixassem todas as portas abertas para que o som do canto chegasse até ella. Comtudo, Sexta-feira Santa a Princeza pediu para a levarem para o côro para adoração da cruz. O seu pedido foi deferido.

A Princeza tomou o seu lugar, como a ultima das noviças e esperou a sua vez para a cerimonia.

Logo que acabou, foi levada directamente para o leito quasi exhausta. No dia de Sabbado foi confessar-se, para receber a Sagrada Communhão em Domingo de Paschoa.

Prevendo que não poderia ir ao côro de baixo, pediu á sacristã Irmã Margarida Pinheiro, para preparar um altar defronte da grade, no côro onde se dizia a Missa. Recebeu ali a Sagrada Communhão com fervor angelico; depois, quando a Missa acabou, a Princeza lançou um prolongado olhar sobre as cadeiras das religiosas, na certeza de que era a ultima vez que as olhava.

Vendo isto a comunidade chorou sentidas lagrimas,

A Princeza foi, então, levada para a sua cella, d'onde não tornaria a sahir com vida.

D'ahi por diante a infanta D. Joanna só permittia que lhe fallassem de assumptos piedosos, e todos aquelles que tinham o privilegio de a ver ou ouvir, retiravam-se edificados, tocados e cheios de admiração pela sua grande virtude.

No mez de Maio, a Princeza temendo que o seu fim se approximasse desejou que o seu sobrinho D. Jorge, que tinha então 9 annos de idade, fosse levado perto d'ella. Deu-lhe prudentes conselhos, fallou do temor e amor de Deus e accrescentou: «Meu filho, peço-te que nunca te esqueças como, desde a idade de tres mezes, estiveste ao meu cuidado sendo o objecto das minhas orações e lagrimas. Não esqueças, tambem, estas boas religiosas que me ajudaram a educar-te, e que te tem estimado com maternal affecto.»

Dizendo-lhe isto despediu-se d'elle e não mais o tornou a vêr. Vendo que a sua ultima hora estava proxima quiz fazer as suas derradeiras disposições e deu a liberdade a todas as suas escravas.

Pelo seu proprio punho escreveu a sua ultima vontade e testamento.

XXXI. — **Ultimos momentos**

Desde o principio de Maio D. Joanna quiz pertencer mais e mais exclusivamente a Deus, procurando vigorosamente evitar a mais pequena falta, supprimindo tudo o que lhe podesse minorar as suas impaciencias ainda que o seu soffrimento era excessivo.

A 5 de Maio com grande sobresalto e afflicção das Irmãs, a Princeza perdeu a consciencia de tudo o que a cercava. Chamaram a Prioreza e rezaram immediatamente pela moribunda. Felizmente ella recuperou os sentidos, e, vendo a afflicção das relegiosas, disse-lhes palavras de conforto e amor, consolando-as com tanta unccão que acharam impossivel, fazendo justiça á belleza da sua alma, reproduzir as suas santas palavras.

A 6 de Maio, festa de S. João, deante da Porta Latina, santo a quem ella tinha particular devoção, recebeu a Extrema Unccão. Para esta cerimonia tinha-se ella ataviado assim como á sua cama, com muita reverencia. Estando no perfeito uso de todos os seus sentidos, humildemente pediu perdão, em voz alta, na presença de toda a commuidade, e, mais ainda, encarregou o Padre João Dias, Prior dos Irmãos Dominicanos em Aveiro, de pedir perdão publicamente na Egreja, no Domingo seguinte, por qualquer offensa que ella podesse ter feito. A Princeza accrescentou que qualquer pessoa consciente de ter sido por ella prejudicada deveria ir ao Convento receber plena satisfação dos agravos recebidos.

Em quanto os ultimos sacramentos lhe eram administrados, lastimava a sua incapacidade de chorar os seus peccados. Dizendo á Prioreza: «Ai, Mãe, eu já não posso chorar os meus peccados.» A muita febre tinha-lhe seccado as lagrimas.

Diligenciou depois confortar as tristes religiosas. Pediu-lhes que não estivessem tristes e magoadas, porque ella ia para o Deus Todo Misericordioso, em que tinha collocada toda a sua confiança.

«Nunca vos desvieis do caminho da obediencia: é a es-

cada que vos levará ao céo. Trabalhae corajosamente, procurae acima de tudo a paz e a pureza de consciencia.»

Seis dias mais padeceu ella esperando em paz e tranquillidade d'alma a divina intimação. Pediu para ser sepultada no côro de baixo, para que as religiosas passando frequentemente pelo seu tumulo se lembrassem de rezar por ella.

Pelo seu lado, prometeu de lhes assistir mais tarde se encontrasse misericordia em Deus no ultimo momento. Pura e innocente como tinha sua vida, tinha, comtudo, vivo medo da morte.

Durante a sua afflictiva agonia applava para a paixão do nosso Divino Salvador e disse o *Confiteor* alto com voz clara. Quando chegou ás palavras «Por minha culpa» pediu o crucifixo, e abraçando-o com amor disse: «Deus Todo Misericordioso, desviae a Vossa Face dos meus peccados.» Depois leram-lhe os versiculos da Paixão por S. João, que a Princeza escutou attenta e piedosamente.

A Prioriza notando que ella estava desfallecendo, interrompeu a leitura para mandar dizer ao Bispo que a morte estava proxima. Uma das Irmãs quiz continuar a narrativa da Paixão, mas não sabia em que ponto a Prioriza tinha parado. A santa moribunda percebeu isto e disse-lhe: «Não foi ahi que a nossa Mãe interrompeu a sua leitura.» Escutou até ao fim e quando acabou repetiu por trez vezes o verso: «Em Vós, Oh! Senhor, tenho eu esperado.» Depois erguendo as mãos ao céo em ar supplicante invocou a mãe de misericordia, dizendo: «Maria, Mãe de Graça, mostrae-Vos minha Mãe.»

De manhã pediu para lhe recitarem a Ladainha dos Santos. Um padre Dominicano, que estava presente rezou

as orações e quando chegou á invocação «Santos Innocentes», sua pura e Innocente alma partiu para Deus.

Tinha trinta e oito annos e tres mezes. Sua morte foi sentida em todo o reino, e é impossivel relatar as muitas miraculosas occurrencias pelas quaes agradou a Deus manifestar a santidade de sua serva.

A sua festa calebra-se, na Ordem Dominicana a 12 de Maio.

UA/SD	
N.º	155101
Data	00-12-04
Cota	AVRS-93

bibliotheca